

VAMPIROS

Collin de Plancy

O artigo que transcrevo a seguir foi colhido do “Dicionário Infernal”, editado em Paris no ano de 1865.

O Dicionário é um livro bonito, com muitas gravuras e textos, que falam de demônios, magia e outros assuntos sobrenaturais. Interessou-me a seção sobre vampiros, por tratar-se de uma recompilação de crenças anteriores à massificação e conseguinte homogeneização do mito. Por ser incapaz de ler francês, tive de esperar pacientemente até que alguém de boa vontade (que resultou ser Mayén Gajardo, a quem agradeço sinceramente) se desse ao trabalho de fazer uma tradução. A mesma foi feita em tempo real, à medida em que lia e reescrevia, sendo portanto o resultado compreensível, embora não muito depurado.

Espero poder apresenta-lo na íntegra, em algum tempo, em linguagem algo melhorada. Enquanto isso, coloco o texto aqui – à disposição dos interessados.

Aos que estudam na Universidade Austral, na bela cidade de Valdivia: o Dicionário está disponível na área de referência; é um dos livros da biblioteca do grande Luis Oyarzún, doado à UACH de forma póstuma.

– Anônimo

VAMPIROS

O mais notável nas histórias de vampiros é que elas têm compartilhado com os filósofos – outros demônios – a honra de assombrar e confundir o Séc. XVIII; horrorizaram Lorena, Prússia, Silésia, Polônia, Áustria, Rússia, Boêmia e todo o norte da Europa. Em cada século, certamente, teve suas modas; em cada país, como observa o Sr. Calmet, teve suas prevenções e suas enfermidades. Mas os vampiros não apareceram com todo seu esplendor nos séculos bárbaros e nos povoados selvagens: revelaram-se no século de Diderot e Voltaire, e na Europa que dizia-se já civilizada.

Deram o nome de *upiers* ou *upires*, e mais geralmente de *vampiros*, no Ocidente, de *bruco-laques* (ou *vroucolacas*), na Grécia, e de *katahanés*, no Ceilão, aos homens mortos e enterrados que depois de muitos anos, ou ao menos após muitos dias, voltavam em corpo e alma, falavam, caminhavam, infestavam as aldeias, maltratavam homens e animais e, sobretudo, chupavam o sangue de seus próximos, esgotavam-nos e produziam-lhes a morte (esta é a definição que nos dá R.P. Calmet). Não era possível livrar-se de suas perigosas visitas e de suas infestações, a não ser quando desenterravam-nos, empalavam-nos, cortavam-lhes a cabeça e arrancavam-lhes o coração, sendo depois queimados.

Os que morriam sugados se transformavam habitualmente em vampiros. Os diários públicos de França e Holanda falam, em 1693 e 1694, de vampiros que apareciam na Polônia, e sobretudo na Rússia. Vê-se no *Mercure Galant* destes anos que era uma opinião muito comum nos povoados que os vampiros apareciam depois do meio-dia, ficando até a meia-noite; que chupavam o sangue dos

homens e dos animais vivos com tanta avidez que aos poucos o sangue saía-lhes pela boca, pelas narinas e pelos ouvidos, e algumas vezes, o que é ainda mais incrível, seus cadáveres nadavam em sangue no fundo de seus ataúdes.

Dizia-se que estes vampiros, como tinham continuamente grande apetite, comiam também os tecidos que encontravam ao seu redor. Acrescenta-se que, saindo de suas tumbas, iam pela noite abraçando violentamente seus parentes ou seus amigos, e que chupavam seu sangue, apertando-lhes a garganta para impedir que gritassem. Os que eram chupados se debilitavam de tal modo que morriam quase imediatamente.

As perseguições não se dirigiram unicamente a uma só pessoa: estender-se-iam também até o último ente familiar ou da aldeia, a menos que seu curso fosse interrompido cortando a cabeça ou perfurando o coração do vampiro, quando o cadáver fosse encontrado macio, flexível, porém fresco, ainda que morto há muito tempo. Como saísse de seus corpos uma grande quantidade de sangue, alguns misturavam-no com farinha para fazer pão: achavam que comendo desse pão podiam proteger-se dos atentados do vampiro.

E eis aqui algumas histórias de vampiros:

O Sr. de Vassimont, enviado à Morávia pelo Duque de Lorraine, Leopoldo I, assegurava, diz Calmet, que esse tipo de espectro aparecia já havia muito tempo aos morávios, e que era bastante comum ali que homens mortos se apresentassem nas reuniões depois de muitas semanas, sentassem à mesa sem nada dizer a seus conhecidos e fizessem um sinal com a cabeça a algum dos assistentes, o qual sem falta morria alguns dias depois.

Um velho padre confirma esse fato ao Sr. de Vassimont, e inclusive cita muitos exemplos, passados, segundo dizia, bem diante de seus olhos. Os bispos e os padres do lugar haviam consultado Roma sobre esta confusa matéria, mas a Santa Sede não deu resposta, pois considerava todo isso como visões. Por ora aconselhava desenterrar os corpos dos que se transformavam, queima-los ou consumi-los de alguma outra maneira, e foi por este meio que se livraram desses vampiros, que dia a dia fizeram-se menos freqüentes. De qualquer modo as aparições deram lugar a uma pequena obra, composta por Ferdinando de Schertz e impressa em Olmutz, em 1706, sob o título de *Magia Posthuma*. O autor conta que em certa aldeia uma mulher, estando morta e com todos os sacramentos, foi enterrada no cemitério de maneira normal. Claramente não se tratava de uma pessoa excomungada, porém, talvez, uma sacrílega. Quatro dias mais tarde os habitantes da aldeia ouviram um grande ruído e viram um espectro que se apresentava sob a forma de um cão. Depois, na forma de um homem, não a uma pessoa somente, mas a muitas. Esse espectro apertava a garganta das pessoas às quais se dirigia, apertava-lhes o estômago até sufoca-las, quebrava-lhes quase todo o corpo e reduzia-os a uma extrema debilidade, de modo que se viam pálidos, fracos e extenuados. Mesmo os animais não estavam livres de sua maldade: amarrava as vacas umas às outras pela cauda, exauria os cavalos e atormentava de tal maneira o rebanho, de tal forma, que não se ouvia mais que mugidos e gritos de dor. Estas calamidades duraram vários dias, e não terminaram até que queimassem o corpo da mulher vampiro.

O autor da *Magia Posthuma* conta outra anedota ainda mais singular. Um pastor da aldeia de Blow, perto do povoado de Kadam, na Boêmia, apareceu pouco tempo depois de sua morte com os sintomas que anunciam o vampirismo. O fantasma chamava pelo nome a certas pessoas, que fatalmente morriam dentro de oito dias. Atormentava seus antigos vizinhos e causava tanto temores, que os paisanos de Blow desenterraram seu corpo e fixaram-no na terra com uma estaca, com a qual lhe atravessaram o coração. O espectro, que falava estando morto, e que não deveria tê-lo feito em tal situação, gozava ainda dos que faziam que sofresse tal tratamento. "*Os senhores foram muito amáveis*", dizia, abrindo a grande boca de vampiro, "*ao darem-me um bastão para me defender contra os cães*". Não deram atenção ao que ele disse, e deixaram-no. Na noite seguinte quebrou a estaca, levantou-se, assustou muitas pessoas e sufocou mais gente do que havia sufocado antes.

Entregaram-no ao carrasco, que o pôs sobre uma carreta e transportou-o para fora da aldeia, para queima-lo. O cadáver movia os pés e as mãos, dava rodopios com os olhos ardentes e ciciava como um louco furioso. Quando atravessaram-no novamente com uma estaca, lançou grandes gritos e expeliu sangue muito escuro; mas após ser bem queimado, não mais apareceu...

Também no Séc. XVIII falava-se contra os ressuscitados desse tipo; e em muitos locais, quando os desenterravam, encontravam-nos perfeitamente frescos e rosados, com os membros flexíveis e manipuláveis, sem tons esverdeados e sem putrefação, porém não sem uma grande dose de hediondez.

O autor que citamos assegura que em seu tempo às vezes viam-se vampiros nas montanhas da Silésia e da Morávia. Apareciam em pleno dia, assim como na metade da noite, e se viam coisas que tinham-lhes pertencido, em vida, moviam-nas e estas mudavam de lugar sem que pessoa alguma parecesse toca-las. O único remédio contra essas aparições era cortar a cabeça e queimar o corpo do vampiro.

No ano de 1725, conta-nos um soldado – que trabalhava de guarda nas fronteiras da Hungria, hospedado em casa de um paisano –, que certa noite, durante o jantar, viu entrar um desconhecido que sentou-se à mesa, próximo do chefe da casa. Este assustou-se muito, assim como o resto da concorrência. O soldado não sabia o que pensar, e temia ser indiscreto ao fazer perguntas, pois ignorava do que se tratava. Porém quando o dono da casa morreu, no dia seguinte, tratou de conhecer o sujeito que havia produzido este acidente, e pôs toda a casa em polvorosa. Disseram-lhe que o desconhecido que havia visto entrar e sentar-se à mesa, para grande temor da família, era o pai do dono da casa, que estava morto e enterrado faziam dez anos, e que ao vir assim, e sentar perto de seu filho, havia trazido a morte. O soldado contou estas coisas em seu regimento, e se encomendou aos oficiais que dessem notícia ao Conde de Cabrerias, capitão da infantaria, para que fizesse um informe do fato. Cabrerias se dirigiu ao local com outros oficiais, um cirurgião e um auditor, escutaram as exposições de todas as pessoas da casa, que atestaram que o ressuscitado era ninguém menos que o pai do dono da casa, e que tudo o que o soldado havia dito era exato, o que foi confirmado também por grande parte dos habitantes da aldeia. Em consequência, fez-se desenterrar o corpo do espectro. Seu sangue era fluído, e sua carne tão fresca como a de um homem que acabara de morrer. Cortaram-lhe a cabeça, depois do que devolveram-no a sua tumba. Após outras informações, exumaram um homem que havia morrido faziam trinta anos, o qual regressara três vezes à sua casa, à hora do desjejum, e que chupara o pescoço, na primeira vez do seu próprio irmão, na segunda de um de seus filhos, e na terceira de um servente da casa. Os três haviam morrido quase ali mesmo. Quando este velho vampiro foi desenterrado encontraram-no, como ao primeiro, com o sangue fluído e o corpo fresco. Colocaram-lhe um grande cravo na cabeça, e em seguida devolveram-no à sua tumba. O Conde de Cabrerias fez queimar um terceiro vampiro, que estava enterrado faziam dezesseis anos, e que havia chupado o sangue e causado a morte de dois de seus filhos. Depois de tudo isto feito, a região se tranqüilizou.

Como vimos anteriormente, geralmente quando exumavam-se vampiros seus corpos pareciam rosados, flexíveis e bem conservados. Contudo, apesar de todos estes indícios de vampirismo, não agia-se contra eles sem informes judiciais. Citavam e escutavam testemunhos, examinavam as razões dos demandantes, considerando com atenção os cadáveres – e se tudo revelasse um vampiro, entregavam-no ao carrasco, que os queimava. Às vezes acontecia que estes espectros apareciam até três e quatro dias depois de sua execução, ainda quando seus corpos haviam sido reduzidos a cinzas. Pouco diferia o tratamento em caso de enterro, por seis ou sete semanas, de certas pessoas suspeitas. Quando não apodreciam, e seus membros mantinham-se flexíveis e seu sangue fluía, então os queimavam. Asseguravam-se de que os trajes do defunto não se moviam ou mudavam de lugar sem que nenhuma pessoa os tocasse. O autor da *Magia Posthuma* conta que via-se em Olmutz, ao fim do Séc. XVII, um desses vampiros, o qual, não tendo sido enterrado, lançava pedras nos vizinhos e molestava terrivelmente os habitantes.

Calmet informa como circunstância particular que, nas aldeias infestadas de vampirismo, vão ao cemitério ou visitam as covas, conferindo se têm dois, três ou muitos arbustos com caules da grossura de um dedo. Se procuram em tais covas, sempre encontram um corpo flexível e rosado. Se cortam a cabeça desse cadáver, sai sangue fluído de suas veias e de suas artérias, fresco e abundante. Os sábios beneditinos perguntam em seguida se acaso os arbustos que aparecem na terra que cobre os vampiros poderiam contribuir para conservar uma espécie de via de respiração vegetal, que tornaria possível seu retorno entre os vivos; pensam com razão que essa idéia, fundada sobretudo nos fatos, não é nem provável nem digna de atenção.

O mesmo escritor cita, ademais, sobre os vampiros da Hungria, uma carta de M. de l'Isle de Saint-Michel, que viveu por muito tempo nos países infestados, e que devia saber algo. Eis aqui como M. de l'Isle explica-se a propósito:

"Se uma pessoa que se encontra atacada de languidez, perde o apetite, enfraquece a olhos vistos, e ao cabo de oito ou dez dias, algumas vezes uma quinzena, morre sem febre e sem nenhum outro sintoma de enfermidade além do seu enfraquecimento e suas seqüelas, diz-se na Hungria que é um vampiro que se aderiu a esta pessoa e chupa-lhe o sangue. Aqueles que são atacados por esta melancolia negra, a maioria das vezes, tendo o espírito confundido, crêem ver um espectro branco que segue-os por toda parte, como a sombra faz com o corpo.

"Quando estávamos nos Valaques, no inverno, dois cavaleiros da companhia da qual eu era corneteiro morreram desta enfermidade, e muitos outros, que haviam sido atacados, provavelmente teriam morrido do mesmo modo se um cabo de nossa companhia não tivesse curado sua imaginação ao executar o remédio que as pessoas da região empregavam para isto: ainda que seja muito singular, nunca precisei dele. Eis aqui:

"Escolhe-se um jovem, fá-lo montar em pêlo sobre um potro, absolutamente negro; leva-se o jovem e o cavalo ao cemitério; eles passeiam sobre todas as covas. Aquela sobre a qual o animal recusa passar, apesar dos golpes de espada que lhe dão, considera-se que está encerrando um vampiro. Abre-se a cova, e encontra-se um cadáver tão belo e tão fresco como se fosse um homem dormindo tranqüilamente. Corta-se, com um golpe de machado, o pescoço desse cadáver; sai sangue abundantemente, do mais belo e mais rubro, ao menos assim acreditam. Uma vez feito, volta-se a colocar o vampiro em sua cova, cobrem-na, e pode-se assegurar que a partir desse momento a enfermidade cessa, e todos aqueles que haviam sido atacados recobram suas forças, pouco a pouco, como pessoas que livram-se de uma longa e exaustiva enfermidade..."

Os gregos chamam seus vampiros de brucolaques; estão convencidos de que a maior parte dos espectros de excomunhão são vampiros, que estes não podem apodrecer em suas tumbas, que aparecem tanto de dia como de noite e que é muito perigoso encontrar-se com eles.

León Allatius, que escrevia no Séc. XVII, entra nesse tema com grandes detalhes. Assegura que na ilha de Chio os habitantes não respondem senão quando chamados duas vezes, porque estão convencidos de que os brucolaques não podem chamar mais de uma só vez; ainda mais, crêem que quando um brucolaque chama uma pessoa viva, se essa pessoa responde, o espectro desaparece, mas aquele que respondeu morre ao cabo de alguns dias. Conta-se o mesmo sobre os vampiros da Boêmia e da Morávia.

Para prevenir a funesta influência dos brucolaques, os gregos desenterram o corpo do espectro e queimam-no depois de terem recitado algumas orações. Então o corpo, reduzido a cinzas, não mais aparece.

Ricaut, que viajou pelo Levante no Séc. XVII, acrescenta que o pavor dos brucolaques é geral entre os turcos, assim como entre os gregos. Conta um fato, colhido de um pastor ortodoxo, que assegurou debaixo de juramento que a coisa é verdadeira.

Um homem, tendo morrido excomungado por uma falta que havia cometido, foi enterrado sem cerimônia num local apartado, e não em terra santa. Os habitantes foram logo assustados por aparições horríveis que atribuíram ao desgraçado. Abriram sua tumba ao cabo de alguns anos, e encontraram seu corpo inflado, porém são e bem disposto. Suas veias estavam repletas do sangue que havia chupado. Reconheceram nele um brucolaque. Depois de discutirem o que podiam fazer, os ortodoxos propuseram desmembrar o corpo, reduzi-lo a pedaços e ferve-lo em vinho, já que esse é o costume que têm, desde tempos muito antigos, a respeito dos brucolaques. Contudo os parentes lograram, à força de rogos, que a execução fosse diferente; o corpo foi posto na igreja, onde dedicaram-lhe todos os dias orações por seu descanso. Uma manhã, em que o pastor fazia o serviço divino, de repente escutou-se uma espécie de detonação no ataúde. Abriram-no e encontrou-se o corpo dissolvido, como deveria ser aquele de um morto enterrado já faziam dez anos. Tomaram nota do momento em que produziu-se o ruído, e era precisamente a hora em que a absolvição aplicada pelo patriarca havia sido formulada...

Os gregos e os turcos imaginam que os cadáveres dos brucolaques comem durante a noite, passeiam, fazem a digestão do comeram, e realmente se alimentam. Contam que ao desenterrar esses vampiros encontram-nos rosados, e que as veias estão inchadas pela quantidade de sangue que chuparam; que quando abrem seu corpo saem jorros de sangue tão fresco como o de um homem de temperamento sangüíneo. Essa opinião popular se estendeu de forma tão geral que, em todo mundo, contam histórias relacionadas.

O costume de queimar os corpos dos vampiros é bastante muito na grande maioria dos países.

Guillermo de Neubrige, que viveu no Séc. XII, conta (veja-se *Guillermo Neubrig, Rerum anglicarum, libro V, cap. XXII*) que em sua época viu-se, na Inglaterra, no território de Buckingham, um espectro que aparecia em corpo e alma, e que assustava a própria mulher e seus parentes. Não podiam defender-se de sua ameaça além de fazendo grande ruído quando se aproximava. Aparecia, inclusive, em pleno dia, para certas pessoas. O padre de Lincoln pediu seu conselho a respeito, e Neubrige disse-lhe que situações similares haviam-se produzido na Inglaterra, e que o único remédio que conhecia para o mal era queimar o corpo do espectro. Ao cura não pareceu bom o conselho, por ser muito cruel. Escreveu uma carta de absolvição, que foi posta sobre o corpo do defunto, o qual encontrava-se tão fresco como no dia de seu sepultamento, e desde então o fantasma não mostrou-se mais. O mesmo autor acresce que as aparições desse tipo eram muito freqüentes na Inglaterra.

Quanto à opinião estendida no Levante, a respeito de que os espectros se alimentam, foi muito difundida por séculos em outras regiões. Faz muito tempo que os alemães estão persuadidos de que os mortos mastigam como lobos em suas tumbas, e que é fácil escuta-los grunhir ao mastigarem o que devoram. Phillipe Rherius, no Séc. XVII, e Michel Raufft, em princípios do Séc. XVIII, publicaram tratados sobre os mortos que comem em seus sepulcros (*De masticatione mortuorum in tumulis*).

Além de terem falado da certeza que têm os alemães, no sentido de que há mortos que comem sua própria roupa, e tudo o que está ao seu alcance, inclusive sua própria carne, estes escritores fazem notar que em algumas partes da Alemanha, para impedir que os mortos mastiguem, põem-lhes no ataúde um bloco de barro seco sobre o pescoço, e também na boca um pedaço de prata, e outros apertam-lhes fortemente a garganta com um pano. Citam mortos que devoraram a si mesmos em seus sepulcros.

É de assombrar ver sábios encontrarem algo prodigioso nestes fatos tão naturais. Durante a noite que seguiu-se aos funerais do Conde Henri de Salm, escutou-se na igreja da abadia de Haute-Seille, onde ele havia sido enterrado, gritos surdos, que os alemães teriam sem dúvida tomado pelo

grunhido de uma pessoa que mastiga, e no dia seguinte, ao abrirem a tumba do conde, encontraram-no morto mas ao contrário no caixão, com a cara para baixo, sendo que ele havia sido inumado de frente: tinham-no enterrado vivo. Deve-se atribuir a uma causa similar a história contada por Raufft de uma mulher da Boêmia, que em 1345 comeu em sua cova a metade de sua mortalha sepulcral.

No último século, a um pobre homem que havia sido inumado precipitadamente no cemitério, escutou-se durante a noite um ruído em sua tumba. Foi aberta no dia seguinte, e viu-se que havia comido a carne de seus braços. Este homem, que havia bebido aguardente em excesso, havia sido enterrado vivo.

Uma senhorita de Ausburgo caiu em tal letargo que creram-na morta. Seu corpo foi posto em uma cova profunda, sem que a cobrissem de terra. Logo escutou-se um ruído na tumba, mas não prestaram atenção. Dois ou três anos depois, alguém da mesma família morreu, abriram a tumba e se encontrou o corpo da senhorita perto da pedra que fechava a entrada: ela havia em vão tratado de mover essa pedra, e não tinha mais dedos na mão direita, pois havia-os devorado em seu desespero.

Tournefort conta, no primeiro tomo de sua “Viagem ao Levante”, a forma como viu exumar um brucolaque na ilha de Mycone, na qual ele se encontrava em 1701:

"Era um camponês de natureza triste e trabalhador, circunstância que deve-se notar em sujeitos similares. Foi morto no campo, não se sabia por quem nem como. Dois dias depois de haver sido inumado em uma capela da vila, correu a notícia de que viram-no de noite andando em grandes passadas, e que ia pelas casas mudando os móveis de lugar, apagando lâmpadas, abraçando as pessoas por trás e fazendo mil travessuras. A princípio riram, mas o assunto tornou-se sério quando as pessoas mais honestas começaram a queixar-se. Os papas gregos estavam de acordo com este fato e sem dúvida eles tinham algumas razões para tanto. Contudo, o espectro continuava na mesma vida. Decidiu-se, por fim, em uma assembléia de príncipes da vila, padres e religiosos, que esperariam, segundo não sei qual cerimonial antigo, os nove dias posteriores ao enterro. Ao décimo dia deu-se a missa na capela onde estava o corpo, a fim de expulsar o demônio que acreditavam estar ali. Uma vez que se deu a missa, desenterraram o corpo e considerou-se necessário arrancar-lhe o coração, o que tirou aplausos de toda assembléia. O corpo cheirava tão mal que se viram obrigados a queimar incenso; mas este, confundido com o mau cheiro, não fez mais que aumentá-lo e começou a esquentar o cérebro dessa pobre gente. Sua imaginação encheu-se de visões. Dizem que saía uma espessa fumaça do corpo; não nos atreveríamos a assegurar, – diz Tournefort –, que era a do incenso. Não se escutavam outros gritos além de “*Vroucolacas!*” na capela e na praça. O ruído se expandiu pelas ruas como mugidos, e esse nome parecia feito para aterrorizar a todos. Muitos assistentes asseguravam que o sangue ainda estava rubro; outros juravam que ele ainda estava vivo; concluiu-se portanto que o morto cometia o equívoco de não estar morto, ou, para dizer melhor, de haver sido reanimado pelo diabo. Esta é precisamente a idéia que se tem de um brucolaque – ou *vroucolacas*. As pessoas que haviam-no enterrado expressaram que haviam percebido que não estava rígido, quando transportavam-no do campo à igreja para enterra-lo, e que em consequência era um verdadeiro brucolaque. Este era o refrão. Enfim, todos estiveram de acordo em queimar o coração do morto, o qual depois desta execução não foi mais dócil como antes. Ainda acusavam-no de golpear as pessoas durante a noite, e de esvaziar os tonéis e as garrafas. Era um morto muito abusado. Acredito – agrega Tournefort –, que não respeitou coisa alguma além da casa do cônsul, na qual nos alojávamos. Mas todos tinham a imaginação desenfreada, era uma verdadeira moléstia mental, tão perigosa quanto a mania e a raiva. Via-se famílias inteiras abandonarem suas casas, levando seus colchões até a praça – para dormirem ali. Os mais ajuizados se retiraram para o campo. Os cidadãos um pouco mais zelosos pelo bem público asseguraram que havia faltado o mais essencial na cerimônia: seria necessário, diziam, celebrar uma missa depois de haverem arrancado o coração do defunto. Eles pretendiam que com esta pretensão se surpreenderia o diabo, o qual sem dúvida não teria a audácia de voltar.

Ao terem começado com a missa ele havia tido tempo de entrar – depois de ter escapado. Contudo, organizaram procissões por toda a aldeia durante três dias e três noites. Pediu-se aos papas que orassem, e determinou-se fazer vigílias durante a noite, e detiveram alguns vagabundos que sem dúvida tinham parte em toda aquela desordem. Porém deixaram-nos livres muito rápido, e dois dias depois, para recompor-se da penúria que haviam passado na prisão, eles recomeçaram a esvaziar as pipas de vinho daqueles que tinham abandonado suas casas durante a noite. Portanto foi necessário voltar às pregações.

"Uma manhã, em que recitavam as orações, depois de terem colocado inúmeras espadas nuas sobre a fossa do cadáver, ao qual desenterravam três ou quatro vezes ao dia – seguindo o capricho do primeiro que chegasse com uma nova idéia –, um albanês que encontrava-se em Mycone disse em tom doutoral que era ridículo utilizar em casos similares as espadas dos cristãos. "Vocês não vêem, pobre gente, que a guarnição das espadas, ao formarem uma cruz com as empunhaduras, impede o diabo de sair deste corpo? Por quê não servem-se melhor das cimitarras dos turcos?" O conselho não serviu de nada: o brucolaque era intratável, e não sabiam a que santo encomendar-se, até que resolveram, a uma só voz, queimar o corpo inteiro. Depois disto eles desafiavam o diabo a alojar-se ali. Preparou-se portanto uma pira na extremidade da ilha de Saint-Georges, e os restos do corpo foram consumidos a primeiro de janeiro de 1701. A partir de então não se escutou mais falar do brucolaque: contentaram-se em dizer que o diabo havia sido preso daquela vez, e produziram poemas onde expunham-no ao ridículo.

"Em todo o arquipélago" – diz Tournefort – "encontramo-nos bastante persuadidos de que a idéia vem dos gregos, dos ritos gregos, nos quais o diabo reanima os cadáveres. Os habitantes da ilha de Santonine conhecem muito bem este tipo de espectros. Os de Mycone, depois que suas vi-sões se desvaneceram, igualmente temeram as perseguições dos turcos, e aquelas do cura de Tine. Nenhum cura permaneceu em Saint-Georges quando queimaram o corpo, por medo de que o bispo exigisse uma soma de dinheiro por ter feito desenterrar e queimar um morto sem sua permissão. Entre os turcos é assegurado que na primeira visita eles lograram fazer a comunidade de Mycone pagar pelo sangue do pobre vulto – e pela atividade que foi a abominação e o horror de sua região."

Publicou-se, em 1773, uma pequena obra intitulada "Pensamento Filosófico e Cristão sobre os Vampiros", por Juan Cristóbal Herenberg. O autor fala, resumidamente, de um espectro que apareceu-lhe em pleno meio-dia: afirma que os vampiros não fazem morrer os vivos e que tudo o que dizem não deve ser atribuído senão à confusão da imaginação dos doentes. Ele prova, por diversas experiências, que a imaginação é capaz de causar grandes desordens no corpo e no estado de ânimo. Faz notar que na Eslavônia empalam os assassinos, e que perfuram o coração dos culpáveis com uma estaca, que enterram em seu peito. Se empregam o mesmo castigo contra os vampiros, é porque alguns autores assim supõem das mortes daqueles dos quais diziam que haviam chupado o sangue.

Cristóbal Herenberg dá alguns exemplos deste suplício exercido contra os vampiros, alguns desde o ano de 1337, outros no ano de 1347, etc.; fala da opinião daqueles que acreditam que os mortos mascam em suas tumbas, opinião que ele trata de provar pela antiguidade das citações de Tertullien, no início de seu "Livro da Ressurreição", e de Santo Agostinho no Livro VIII de "Cidade de Deus".

Quanto a esses cadáveres que encontraram, diz ele, cheios de sangue fluído, e nos quais a barba, os cabelos e as unhas se renovaram, com um pouco de atenção pode-se refutar três quartos destes prodígios; ainda que se tenha de ser muito benevolente para admitir uma das partes. Todos aqueles que raciocinam sabem muito bem como o vulgo é crédulo, da mesma forma como certas histórias fazem aumentar as coisas, para que pareçam extraordinárias. Entretanto, não é impossível explicar fisicamente a causa. Sabe-se que há certos terrenos que são adequados para conservar os corpos em todo seu frescor: as razões têm sido tão explicadas que não seria necessário deter-se nisso.

Encontra-se ainda em Toulouse, em uma igreja, uma catacumba onde os corpos permanecem tão perfeitamente inteiros, que relataram, em 1789, que haviam alguns que já contavam com cerca de dois séculos – e que ainda pareciam vivos.

Haviam-nos enfileirado em pé encostados às paredes – e ainda trajavam as vestes com as quais haviam sido enterrados.

O que há de mais singular é que os corpos que colocavam do outro lado da mesma catacumba transformavam-se, dois ou três dias depois, em banquete de vermes. Quanto ao crescimento das unhas, dos cabelos e da barba, isso é às vezes notado em muitos cadáveres. Enquanto há umidade nos corpos não é surpreendente que durante certo tempo note-se algum aumento em partes que não exigem a afluência de juízos vitais. Quanto ao grito que os vampiros fazem ouvir quando enteraram-lhes a estaca no coração, nada mais natural. O ar que encontra-se encerrado no cadáver, ao sair com violência, produz necessariamente este ruído ao passar pela garganta: e às vezes os corpos mortos produzem tais sons sem nem mesmo serem tocados.

E aqui vai uma anedota que pode explicar algumas das características do vampirismo, que não pretendemos negar nem afirmar. O leitor atento entenderá as conseqüências que dela naturalmente derivam. Esta anedota foi publicada em muitos jornais ingleses, e particularmente no *Sun* de 22 de maio de 1802. Ei-la:

"No início de abril do mesmo ano, um homem chamado Alexander Anderson e que dirigia-se de Elgin a Glasgow sofreu de uma certa moléstia e deteve-se em uma fazenda que se achava em sua rota, para descansar um pouco. Seja por ter estado ébrio, seja por não querer ser inoportuno, optou por repousar em uma tuia onde cobriu-se de palha, de maneira a passar inadvertido. Desgraçadamente, depois dele haver dormido, as pessoas da fazenda tiveram a ocasião de agregar uma grande quantidade de palha àquela da qual o homem tinha se servido, e não foi antes de cinco semanas que descobriram-no naquela singular situação. Seu corpo não era nada além de um esqueleto horrível e descarnado. Seu espírito estava tão confuso e alienado que não dava nenhum sinal de compreensão: já não podia fazer uso de seus pés. A palha que havia envolto seu corpo estava reduzida a pó, e aquela que estava perto de sua cabeça parecia ter sido mastigada. Quando o retiraram desta espécie de tumba, tinha as pupilas praticamente apagadas, ainda que seus reflexos fossem rápidos, a pele estava úmida e fria, os olhos imóveis e muito abertos, o olhar assombrado. Depois que o fizeram tomar um pouco de vinho recobrou suficientemente o uso de suas faculdades físicas e intelectuais para dizer a uma das pessoas que o interrogavam que a última circunstância que recordava era aquela na qual havia sentido que lançavam palha sobre seu corpo, mas parecia que depois daquilo não teve mais conhecimento de sua situação. Supôs-se que ele havia permanecido permanentemente em um estado de delírio, ocasionado pela escassez de ar e pelo odor da palha, durante as cinco semanas em que havia passado assim, se não sem respirar, ao menos respirando dificilmente e sem ter outro alimento que não fosse a pouca sustância que pôde extrair da palha que o envolvia – a qual seu instinto fizera mastigar."

Esse homem talvez ainda viva. Se sua ressurreição tivesse ocorrido em povoados infectados pela idéia do vampirismo, levando em conta seus grandes olhos, seu ar apalermado, e todas as circunstâncias de sua situação, teria sido queimado bem antes do tempo que levou para voltar a si – e teria sido, portanto, considerado como mais um vampiro.

Tradução de Damnum Vobiscum